



Observando nossas crianças e jovens

Falando sobre crianças, suas dificuldades, será que andamos sabendo detectar onde está a dificuldade apresentada pela criança?

Muitas vezes achamos que é simplesmente o espírito, no entanto, talvez a criança possa apresentar um distúrbio físico qualquer ou ainda estar com um relacionamento familiar afetivo desequilibrado

Vamos ler e refletir?

Texto de apoio

Pensando as Dificuldades de Aprendizagem à luz das Relações Familiares

1. Introdução

Ao se pretender escrever um trabalho sobre alunos com Dificuldade de Aprendizagem e sua relação com a Família, além de comunicar as idéias e alguma experiência clínica, há um outro fator implicado: a possibilidade ou não, de se tolerar as dúvidas, os questionamentos, e a falta de respostas conclusivas que se é obrigado a encarar. É um movimento psíquico acompanhado de medo e ansiedade que podem estimular o desenvolvimento mental ou limitar sua realização.

Sendo a Psicopedagogia e a Terapia Familiar Sistêmica os dois campos em que atuo profissionalmente, achei interessante refletir sobre a relação da Dificuldade de Aprendizagem com o grupo familiar, na qual o sujeito com esta problemática, está inserido, à luz dessa base teórica.

Minha atividade prática, trabalhando em um estabelecimento que atende alunos com Dificuldade de Aprendizagem, mostrou-me que é perfeitamente possível e pertinente entrelaçar os campos da Psicopedagogia e da Terapia Familiar, pois um amplia e complementa o outro.

A Psicopedagogia pesquisa, estuda e analisa as questões relacionadas ao processo de aprendizagem e ao tratamento de seus problemas. Preocupa-se com as relações ensinante-aprendente, com a forma como se ministra conteúdos escolares, com processos de desenvolvimento cognitivo/emocional da criança, aquisição da linguagem, entre outros. A Terapia Familiar Sistêmica, por sua vez, procura re-significar as questões do grupo familiar, dentro de uma concepção de sistemas, enfatizando os processos relacionais, e entre eles, como o grupo familiar lida com a aprendizagem. .

Sabe-se que nunca há uma causa única para o fracasso escolar, mas sim uma conjunção de fatores que interagem, uns com os outros, que imobilizam o desenvolvimento do sujeito e do sistema familiar, num determinado momento. Algumas famílias manifestam sua decepção, sua desaprovação, sua própria cólera em vista dos maus resultados escolares de seus filhos. Outros pais podem apresentar total indiferença, completa ausência de interesse pelas dificuldades da criança. Entretanto, o que se apresenta em comum a essas duas atitudes opostas é que ambas afetam o sujeito em sua totalidade, impedindo que ele cresça de forma natural e satisfatória, bem como afeta às suas famílias.

No trabalho, parto da hipótese de que crianças e jovens com Dificuldade de Aprendizagem podem ser beneficiados com uma intervenção familiar, que lhes permita sair da posição de portador do sintoma (Paciente Identificado) do grupo, para a construção de uma nova relação com o saber.

Tenho ainda, como hipótese, que seja qual for a etiologia da Dificuldade de Aprendizagem (neurológica, emocional, cognitiva ou genética) o grupo familiar é um fator decisivo para a condução e/ou resolução desta situação.

1.1. - As definições oficiais

A origem da categoria das dificuldades de aprendizagem, como hoje é conhecida, desenvolveu-se a partir do conceito de “criança com lesão cerebral”, formulada por Alfred Strauss (neropsiquiatra) e Heinz Werner psicólogo especializado em psicologia comparada e do desenvolvimento), quando trabalharam juntos, por aproximadamente treze anos, numa instituição do Michigan, conhecida por Wayne County Training School.

Eles tentaram estabelecer diferenças entre crianças com retardo mental endógeno (genéticos, na maioria), e exógenos (com lesões cerebrais, na maior parte). Perceberam que, a maioria das crianças que apresentavam dificuldade na aprendizagem, apresentavam sintomas comportamentais característicos de crianças com lesão cerebral mínima (conhecido como síndrome de Strauss) e que incluíam os seguintes componentes: distúrbios perceptuais, perseveração, dispersividade, distúrbios conceituais e do pensamento, distúrbios motores – em especial hiperatividade e desajeitamento. Mais tarde, esses componentes foram ampliados, subdivididos e tornados mais específicos, mas até hoje, constituem o núcleo das principais características comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem.

Desde 1940, educadores, psicólogos, psiquiatras e neurologistas reconhecem

que existe um grupo de crianças, com inteligência normal ou acima da média, que não obtém sucesso nos estudos em decorrência de deficiências neurológicas de aprendizagem. Muitas delas tem sido consideradas como portadoras de lesão cerebral mínima. Entretanto, em paralelo a essa visão organicista, tem sido reconhecido um conjunto de termos comportamentais, que têm sido usados para identificar a dificuldade dessas crianças.

A dislexia (prejuízo na capacidade de leitura), a disgrafia (dificuldade de expressar idéias por escrito) e a deficiência perceptual (dificuldades na diferenciação figura-fundo, inversão de letras e algarismos, reconhecimento precário de formas) são consideradas síndromes comportamentais associadas a à disfunção cerebral. Mas não existindo provas contundentes dessa correlação, aceita-se a idéia que estas crianças são portadoras de dificuldades de aprendizagem, ao invés de portadoras de lesão cerebral.

Segundo Hobbs (1975), “há uma tendência crescente a divorciar a expressão dificuldade de aprendizagem da disfunção cerebral mínima, e defini-la inteiramente em termos comportamentais e educacionais.” (pag.76)

Na década de 1960, a expressão distúrbios de aprendizagem competia com dificuldade de aprendizagem. Esta última começou a aparecer com regularidade, em grande parte como substituta para designar crianças portadoras de lesão cerebral mínima. Dentre poucos anos, profissionais do campo da educação e da psicologia passaram a utiliza-la com freqüência, não estando associada necessariamente a um distúrbio neurológico.

Algumas associações foram criadas, com o objetivo de reunir profissionais para estudar e dar apoio às crianças, e suas famílias, com essas características. Nos Estados Unidos , no ano de 1965, surge a Associação Nacional para Crianças com Dificuldade de Aprendizagem. Em seguida, outras foram aparecendo e na década de 1970, multiplica-se a literatura sobre o assunto.

Veremos agora, outras formas de definir Dificuldade de Aprendizagem.

A definição desenvolvida pelo Natinonal Joint Comittee on Learning Disabilities – (NJCLD) – EUA, 1997. (Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagem) é a seguinte:

“Dificuldade de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldade na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas.

Estas desordens são intrínsecas ao sujeito, presumidamente, devido a uma disfunção no sistema nervoso central, podendo ocorrer apenas por um período

na vida .

Problemas de controle de comportamento, percepção social e interação social podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem, mas elas não constituem por si só uma desordem de aprendizagem.

Embora dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente a outras condições desfavoráveis (retardo mental, séria desordem emocional, problemas sensórios - motores) ou influencias externas (como diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada) elas não são o resultado dessas influencias ou condições”.

No Brasil, a *CID-10 (OMS, 1998) traz uma referência a “Transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares” F81.0/2/3/8) definindo-os como: “perturbações que interferem significativamente nas realizações escolares ou nas atividades da vida diária [...] nos quais ambas as habilidades, aritméticas e de leitura ou do soletrar, estão significativamente comprometidas, mas na qual o transtorno não é explicável apenas em termos de retardo mental ou aprendizagem inadequada.”(pag.163)

Na categoria F81.9, do CID 10 encontramos: “transtornos inespecíficos nos quais há uma incapacidade significativa de aprendizagem que não pode ser explicada apenas por retardo mental, problemas de acuidade visual ou escolaridade inadequada”. (pag. 164) Existe ainda o critério F839(idem) – Transtornos mistos do desenvolvimento – que são classificados como uma “mistura de transtornos específicos do desenvolvimento da fala da linguagem, das habilidades escolares ou da função motora, mas no qual nenhum predomina suficientemente para constituir o diagnóstico principal”. (pag. 164)

Essas definições tornam patente a diversidade de manifestações e etiologias da Dificuldades de Aprendizagem, que exigem assim, diferentes olhares e procedimentos.

As Dificuldades de Aprendizagem, de origem orgânica, podem ser bastante definidas e claras, levando-nos a supor que a área emocional e o ambiente familiar tiveram pouca ou nenhuma participação no seu aparecimento e determinação. Seria o caso dos distúrbios de ordem neurológica ou metabólica, que implicam numa perda da capacidade de aprendizagem.

Boa parte dos problemas, com os quais esbarramos nesta área - lentidão de raciocínio, falta de atenção, desinteresse, entre outros – encontram suas origens na biologia e sobretudo, na biologia exposta ao meio ambiente.

Mas, mesmo as teorias mais organicistas, baseadas na neuropsicologia, como

afirma Ratey (1997), admitem que os distúrbios mentais, mesmo brandos, podem se tornar muito piores em respostas a um ambiente cheio de ruídos, a uma família ruidosa (aqui entendida como um sistema onde a comunicação é difícil ou mesmo impossível, devido a padrões disfuncionais do grupo).

O nível de funcionamento dos pais sempre altera o problema – com base biológica ou não – do filho. A criança hiperativa tornar-se-á mais hiperativa, a deprimida mais deprimida, a autista mais autista, quando a família funciona desta forma. São o que poderíamos denominar de famílias com funcionamento isomorfos.

Este autor considera, que não é difícil observar como pode atuar o sintoma na família, perturbando o sistema mais amplo. Ele entretanto afirma, que realmente existem crianças difíceis, diante das quais, pais com pouco preparo para lidar com elas submetem-se a situações muito estressantes agravando sobremaneira o problema.

Ao avaliar as Dificuldades de Aprendizagem, dentro do contexto familiar, não estaremos responsabilizando o grupo pela química cerebral, mas tentando entender como as situações serão encaradas e administradas.

Parafraseando Ratey(opus cit.), se nascemos com algum alelo (referindo-se ao gene que pode gerar um distúrbio cerebral) vamos acabar caindo em algum lugar do espectro deste problema (do mais grave ao mais brando). Mas, a forma de desenvolvimento de nossos problemas – se seremos atentos, hiperativos, com dificuldades específicas de aprendizagem – talvez seja determinada pela vida.

Uma criança que tem dificuldade em prestar atenção nos estudos, pode ter “uma química cerebral ruim” . Mas, como adverte Begley (1998), essa química pode ser o resultado de um mau relacionamento com os pais, expectativas excessivas da família, ou um sintoma para encobrir distúrbios no funcionamento familiar. Segundo este autor, a nossa experiência molda o nosso cérebro, mesmo, no que se refere a traços básicos, como atenção, comportamento, disposição para aprender, entre outros.

Uma Dificuldade de Aprendizagem não significa necessariamente uma deficiência mental ou orgânica. Indica outrossim, uma condição específica, onde existem aspectos que precisam ser trabalhados para se obter melhor rendimento intelectual.

Audrey Souza (1995), refere-se à Inibição Intelectual, que estaria na base da Dificuldade de Aprendizagem , como sendo “fatores da vida psíquica da criança, que podem atrapalhar o bom

desenvolvimento dos processos cognitivos, e sua relação com a aquisição de conhecimentos e com a família, na medida em que as atitudes parentais influenciam sobremaneira a relação da criança com o conhecimento”. (pag. 58)

Alícia Fernandez, (1990) em vários momentos do seu livro *A Inteligência Aprisionada*, nos traz uma visão mais global das Dificuldades de Aprendizagem, onde existe a articulação entre inteligência e desejo; entre família e sintoma. Ela diz:

“Se pensarmos no problema de aprendizagem como só derivado do organismo ou só da inteligência, para sua cura não haveria necessidade de recorrer à família. Se, ao contrário, as patologias no aprender surgissem na criança ou adolescente somente a partir de sua função equilibradora do sistema familiar, não necessitaríamos, para seu diagnóstico e cura, recorrer ao sujeito separadamente de sua família. Ao considerar o sintoma como resultante da articulação construtiva do organismo, corpo, inteligência e a estrutura do desejo, incluído no meio familiar (e determinado por ele) no qual seu sintoma tem sentido e funcionalidade ...é que podemos observar o possível “atrape” da inteligência.” (pag. 98)

Em muitos casos fica difícil para os profissionais envolvidos, distinguir a origem da desordem emocional, pois muitos sintomas se sobrepõem, dificultando um diagnóstico mais preciso.

É preciso também considerar os efeitos emocionais que essas dificuldades acarretam, agravando o problema. Se seu rendimento escolar for sofrível, a criança talvez seja vista como um fracasso pelos professores ou colegas, e até pela própria família. Infelizmente, muitas dessas crianças desenvolvem uma auto-estima negativa, que agrava em muito a situação, e, que poderia ser evitada, com o auxílio da família e de uma escola adequada. É essencial que as crianças recebam apoio dos pais , pois quando sabem que têm pais que dão suporte emocional, a criança desenvolve uma base sólida e um senso de competência que a leva a um auto-estima satisfatória.

No meu entender, concebo Dificuldade de Aprendizagem como uma condição bastante abrangente, que se manifesta sobretudo, pelo fracasso escolar (é e muitas vezes condicionada por este). Esta condição tem um leque muito amplo de causas, mas sua forma evolutiva, creio eu, está intimamente relacionada com o sistema familiar, educacional e social no qual o sujeito está inserido.

Finalizando este tópico, queria apenas me referir a um outro aspecto, que por exceder o escopo desse trabalho, não pretendo desenvolver aqui, mas que

não posso deixar de mencionar. Trata-se do que chamo de *Dificuldade de Ensino. São aqueles problemas advindos de uma abordagem inadequada do professor, da falta de disponibilidade ou da inflexibilidade de alguns mestres em perceber os caminhos mais livres para se chegar ao sujeito. Muitos professores são os grandes contribuidores quanto a rótulos e profecias auto-cumpridoras, fazendo um coro com as vozes familiares, deixando a criança ou jovem sem nenhuma possibilidade ou saída para reverter a situação. Cabe a eles, muitas vezes, o fracasso escolar, a desistência, a baixa estima e a perpetuação das dificuldades de aprendizagem, que com bom senso e conhecimento adequado da profissão, poderiam ser conduzidas de outra forma.

Parafraseando Marturano(Marturano et al., 1993) fica, portanto, evidente, que a Dificuldade de Aprendizagem é uma síndrome bio-psicossocial a ser compreendida em pelo menos três constituintes básicas: a criança, a família e a escola.

Gostaria ainda de enfatizar, que dentro da concepção sistêmica, eleita como vertente teórica para este trabalho, todos os sistemas envolvidos no processo educacional – aluno, família, escola, especialistas – são co-responsáveis e se influenciam mutuamente. Entretanto, sabedora da impossibilidade de abranger todos esses aspectos num único trabalho, optei por dar ênfase aos aspectos familiares.

Podemos então passar a discorrer sobre as interações familiares, entendidas, como já mencionei, através do modelo sistêmico.

* Ensino = Termo utilizado pela autora, sem valor semântico, que se refere à forma como se processa o ensino, por parte dos mestres.

1.2. - A abordagem sistêmica e as relações familiares

Tão importante quanto ter um modelo é perceber que ele não passa de uma metáfora. Assim, quando pensamos em Modelo Sistêmico e Família como Sistema isto é apenas uma maneira de pensar, que nos ajuda a entender o funcionamento de um grupo.

Segundo Sluzki (1985), ter um modelo é poder se utilizar de um instrumento que auxilia a simplificação e a ordenação de uma realidade complexa, permitindo definições operacionais, lógicas e pragmáticas.

É com esse caráter que utilizo o modelo sistêmico, aplicado às relações familiares, para desenvolver a pesquisa, sem esquecer que se trata de uma maneira de pensar, um ponto de vista.

O modelo sistêmico postula que qualquer organismo é um sistema, uma ordem

dinâmica de partes e processos em mútua interação. Essa interação é simultânea e mutuamente interdependente entre componentes múltiplos.

Segundo Paccola(1995),

“A concepção Sistêmica é vista como uma nova visão da realidade que se baseia no estado de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, transcendendo as atuais fronteiras das disciplinas e conceitos, configurando uma estrutura inter-relacionada de múltiplos níveis de realidade, gerando uma mudança de filosofia e transformação de cultura”.(pag. 15)

O modelo sistêmico, baseado na Teoria Geral dos Sistemas e por mim eleito para trabalhar no atendimento terapêutico Familiar, postula a crença que o sujeito está inserido no mundo das relações e, que ao mesmo tempo influencia e é influenciado por elas.

Esse modelo propõe, que todas as redes sociais envolvidas numa situação (no caso, a criança com Dificuldade de Aprendizagem) são co-responsáveis tanto pelos recursos a serem utilizados, quanto pelos impasses que surgem ao longo do caminho. Trata-se de construir junto – paciente, família, escola, terapeutas – uma experiência compartilhada, através da busca de alternativas de intervenção para essa realidade.

Trabalhar com o foco sistêmico é segundo Groisman (1996) “rastrear todo o relacionamento daquela família nuclear que vem com o paciente referido, indo às origens onde estariam o nó gerador do conflito”.(pag.59)

A colocação do indivíduo no espaço familiar, dentro de uma perspectiva geracional (vertical) e dentro de um contexto atual (horizontal), permite a formação de um quadro mais amplo para o entendimento das Dificuldades de Aprendizagem.

Ainda no modelo sistêmico, segundo Kerr (in Groisman, 1996), a atividade do sintoma - aqui entendido como Dificuldade de Aprendizagem - não pode ser explicada somente por um processo individual, mas por um processo que transcende a pessoa do paciente e que, portanto, deve incluir a rede social que o abriga : pais, família extensiva, escola, comunidade.

A Dificuldade de Aprendizagem, ao expressar-se em um dos membros do sistema, que se oferece como canal escoador, representa dialeticamente a tentativa de manutenção daquele equilíbrio organizacional. Segundo Hoffman, (in Groisman, 1996), “a patologia surge quando se instala uma situação de duplo vínculo numa etapa de necessária transformação familiar. Assim, o sintoma expressaria ao mesmo tempo a necessidade de mudar e a proibição em fazê-lo.”

Quando pensamos em uma Família como um sistema, não podemos deixar de considerar que a Família é um sistema de vínculos afetivos (Montoro, 1998), pois, nossos processos de humanização, dão-se através das relações emocionais que são desenvolvidas entre os membros da família nuclear, e que vão permitir ou não, que essa aprendizagem ocorra satisfatoriamente.

Segundo Cervený (1994),

“pensando nas relações do grupo familiar, segundo a teoria dos sistemas, podemos dizer que neste, o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar pode então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos. Assim a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros”.(pag. 24)

Desde bem cedo, é colocado para a criança que se espera que ela seja bem sucedida. Desde a pré – escola os pais se inquietam com as performances intelectuais de seus filhos e suas possibilidades de sucesso. Quando o sujeito não corresponde a este panorama para ele imposto, aparece o chamado sintoma. O traço do sintoma tem significações múltiplas e para ser bem compreendido deve ser avaliado sistemicamente, isto é, considerando-se o contexto mais amplo no qual está inserido e sua forma relacional de se expressar.

Sintoma pode ser definido como uma mensagem que emerge em determinada circunstância e que tem uma função para aquele sistema. Em busca da homeostase, o sintoma na família adquire um significado de funcionalidade onde, segundo Alicia Fernandez (1990), a impossibilidade de simbolizar é que opera na sua base.

O sintoma ocorre com frequência nas tentativas que o sistema familiar faz ao tentar dar conta do seu ciclo evolutivo. O sintoma pode ainda, segundo Castilho (1994), ser interpretado como uma metáfora da instabilidade, da fragilidade do sistema.

Ao avaliarmos como a família lida com o sintoma, que se apresenta, podemos observar como é feita sua organização interna, como o grupo se estrutura num momento de stress e sobretudo, como se pode auxilia-los a destrancar o sistema e permitir o movimento. À medida em que funciona como um sistema, a família supõe um movimento constante; quando este cessa e começa a haver um padrão rígido, com papéis e expectativas pré-determinados, a situação

torna-se patológica. Andolfi, Angelo e Nico-Corigliano (1989), observam que, neste caso, as relações tornam-se estéreis, não permitindo o desenvolvimento e a diferenciação de cada membro.

Procurar compreender o sintoma é, antes de tudo, tentar explicitar os significados que ele tem para a família e, mais ainda, buscar as relações vinculares, os mitos, segredos e lealdades que muitas vezes então engajados no processo, dando-lhe sustentação.

O portador do sintoma, ou o Paciente Identificado(conforme já foi definido anteriormente), está na maioria das vezes situado numa família onde seu discurso não encontra um sentido. A ele, cabe a função de carregar o peso da história do grupo. Essa função pode ser demasiado difícil e ele não conseguir dar conta.

No trabalho com as famílias, deparamo-nos então, com algumas questões:

- o que a família aprende?;
- como ela se relaciona com o saber?;
- como a família lida com as dificuldades que surgem no aprender? E, sobretudo,
- porque não aprender é significativo para este grupo, em particular?

Na maioria das vezes, o sujeito é levado a cumprir mandatos, tarefas e responder a lealdades impostas pelo meio familiar. Pode também, tentar rebelar-se contra eles, mas sempre terá como referencial o modelo da família de origem. Comparações e identificações também fazem parte do processo de aprendizagem. É preciso corresponder a padrões impostos, onde as limitações, dificuldades ou mesmo preferências individuais, muito pouco, ou quase nada, são levadas em conta na hora das cobranças familiares.

Por isso, quando se atende uma família, faz-se mister uma avaliação de alguns tópicos importantes para que possamos observar o processo de um plano mais amplo.

Começamos por identificar :

1.2.1.Estrutura Familiar

Qual a composição da família(número de elementos), organização fraterna (a ordem, o sexo, as idades), quais as pessoas significativas para o grupo, que convivem ou não na mesma casa.

1.2.2. Possibilidade de Diferenciação e Formação de Identidade:

“Se escolhêssemos reduzir a problemática humana a uma só palavra, esta seria separação”, diz Groisman (opus cit.). “Pois o ser humano é gerado em uma

união, gestado em união, mas para ser reconhecido em sua existência precisa separar-se". (pag. 149) Eu ousaria dizer, que mais que separação, estamos falando de identidade, que só pode ser conseguida através do movimento de pertencimento e separação.

A necessidade de pertencer, de se sentir incluído num grupo, é uma necessidade básica do ser humano. Minuchin(1993) diz que a família é o contexto natural para crescer e receber auxílio, ela cumpre o seu papel de garantir a pertença e ao mesmo tempo, promove a individualização do sujeito. Aprender faz parte dessa individuação e requer que possamos nos separar, pelo menos em parte, dos nossos pais e construir um saber próprio. Este, ao mesmo tempo que nos dá pertencimento, pois o compartilhamos com outros membros do grupo, demanda de nós um certo grau de autonomia e individualidade, que por sua vez, nos permitem elaborar nossa própria identidade.

Segundo Groisman (1996),

"a pouca diferenciação entre os membros da família leva a uma confusão de papéis que provoca perturbações na estrutura hierárquica da família, com inversões nas quais os filhos tornam-se pais e os pais tornam-se filhos, ou são todos irmãos, sem haver uma divisão nítida de papéis. A família nuclear não se separa o suficiente das respectivas famílias de origem e não estabelecem, o que Minuchin chama de fronteiras geracionais." (pag. 127)

O estudo dos processos de diferenciação do self parte do pressuposto de que a família é "um sistema ativo em transformação constante, um organismo complexo que se modifica no transcurso do tempo a fim de garantir a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros". (Miermont e cols, 1994, pag. 190)

Numerosos autores têm-se preocupado com o estudo da diferenciação do self, considerando-o como uma das mais importantes funções adquiridas no contexto familiar. (Winnicott, 1960, Bowen, 1978, Whitaker, 1953, entre outros)

Para Bowen, (1978), a impregnação da família é tão determinante que o grau de autonomia individual pode ser avaliado no decorrer da infância e se baseia no grau de diferenciação dos pais e no clima emocional que prevalece na família de origem.

"O conceito de self caracteriza as pessoas segundo o grau de fusão ou de diferenciação de seu funcionamento emotivo, bem como seu funcionamento intelectual. Aqueles que tem o maior grau de fusão são os que apresentam as dificuldades mais severas" (Bowen, in Miermont e cols., 1994, pag. 190).

Para descrever aqueles vínculos afetivos extremamente limitantes, Bowen utilizou o termo massa indiferenciada do ego familiar.(idem)

1.2.3. Adaptação ao Ciclo Vital

A família é um sistema que se move através do tempo. Ela compreende todo um sistema emocional, de pelo menos três (ou quatro, segundo alguns autores) gerações em seu percurso pelo Ciclo da Vida. Abrange os relacionamentos em vários estágios, os eventos relacionados à evolução natural do grupo, mostrando como a família reage a eles, como cada membro enfrenta essas mudanças, quais os eventos externos e internos, ao grupo, que têm alguma significação.

Na óptica sistêmica, observamos que o grupo familiar desloca-se através do seu Ciclo Vital segundo padrões relacionais, que influenciam diretamente na relação com a aprendizagem e nas expectativas que o grupo familiar deposita nos membros mais novos. As crises, os grandes momentos da vida do grupo (casamentos, nascimentos, mortes, adolescência, etc..) marcam especialmente o caminhar do sujeito por estes estágios, paralisando-o ou oferecendo condições para que ele atravessasse este processo, como algo natural e saudável.

O significado que a família atribui ao tempo e às transformações está intimamente ligado à possibilidade de se adquirir novos conhecimentos, diferenciar-se do grupo de origem, através do saber e adquirir assim uma identidade própria. Por isso, atribuímos grande importância à forma como a família permite que seus membros enfrentem as mudanças, ao longo do tempo. Atualmente, existem muitas evidências que os estresses familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo de vida, freqüentemente criam situações favoráveis ao aparecimento de algum sintoma.(Carter, 1989)

Na visão de Carter (opus cit.), com a chegada da adolescência, um novo Ciclo Vital se inaugura na família, trazendo consigo uma possibilidade de crise evolutiva ou de um momento de paralisação, que se encarregará de permitir que o sistema não evolua no tempo.

Ainda segundo Carter, quando os filhos atingem a adolescência a tarefa é a de preparar a família para uma mudança qualitativa nos relacionamentos entre as gerações. Durante esse período é provável que se desenvolvam triângulos envolvendo os adolescentes, seus iguais, pais e mesmo avós. Nas famílias com crianças disfuncionais existe uma tendência a um superinvestimento da família nuclear nos relacionamentos com a criança, que impede o envolvimento em relacionamentos fora da família. O foco na criança é um

processo que parece compartimentalizar a tensão familiar, canalizando-a para um só sujeito, que detém o papel de paciente no processo.

O fracasso do jovem em avançar de forma bem sucedida através dos marcos desenvolvimentais psicológicos e intelectuais, intensifica o processo patológico familiar e encoraja o rótulo de problema. Os pais geralmente investem intensamente nesse jovem e, na maioria das vezes, não demonstram nenhuma preocupação com a participação familiar na manutenção do sintoma. O jovem, preso nesse processo, tem alguns lucros, embora ele e todos os membros da família,, fiquem impedidos de se desenvolverem, tanto dentro, quanto fora do núcleo familiar.

Como afirma Groisman(opus cit.): “Embora a família não possa mudar seu passado, mudanças no presente e no futuro, podem ocorrer em relação àquele passado. As famílias precisam estar em movimento, encarando o passado como referencia histórica e não como luta para recuperá-lo” (pag. 148).Como mencionou um paciente (Kehl, 1996): “Nunca é tarde para se ter uma infância feliz. !” (pag. 198)

1.2.4. Lealdades, Alianças e Coalizões

A coalizão é uma propriedade fundamental das tríades. Consiste na aliança de duas pessoas, contra uma terceira. As alianças baseiam-se no estabelecimento de um acordo entre os membros da tríade, enquanto o terceiro encontra-se colocado em situação de desacordo. Uma díade manifestará sempre a tendência a buscar um terceiro que a triangule, para assim constituir uma tríade, a qual terá a tendência a dividir e formar uma aliança de dois de seus elementos contra o terceiro.

Ao ser concebida, a criança já é depositária de uma série de expectativas tanto do casal, quanto das famílias de origem dos pais. “Quando um indivíduo nasce, ele não vem ao mundo como uma tela em branco, mas sim, inserido numa história familiar que compreende várias gerações e recebe uma série de missões e projeções dos pais, avós e família extensiva”(Bowen, in Groisman, 1996).(pag. 29)

O conceito de missão está ligado aos conceitos de legado e lealdade desenvolvidos por Boszormenyi - Nagy (1983), que evidenciam o quão forte e poderosa pode ser a expectativa destinada à criança.

Crescer contrariando essas expectativas pode ser perigoso ou ameaçador para algumas famílias. Daí a necessidade de manter-se leal ao sistema. Isso significa compartilhar os princípios e definições simbólicas do grupo, onde espera-se que cada membro não ponha em risco o equilíbrio do sistema, por

ter acesso ao proibido.

Dentro dessa perspectiva, o crescimento e o amadurecimento de qualquer membro implica em certo grau de perdas pessoais e desequilíbrio relacional. Segundo Boszormenyi - Nagy (1983), a real natureza da lealdade reside na trama invisível de expectativas grupais, mais que nas leis manifestas. A experiência em terapia familiar demonstra que o enfoque principal do tratamento relacional consiste na ampliação e na escalada da participação do terapeuta, que deve trabalhar com todos os membros da família, numa rede de relações.

Toda criança precisa ter o consentimento dos pais, ainda que inconsciente, para crescer. Segundo Bion (1994), o grupo familiar exerce um controle mútuo para impedir que qualquer membro faça contribuições diferentes daquelas ditadas pelas regras da família.

O objetivo desse controle é tentar fugir das situações de frustração, ansiedade e conflito que podem surgir quando um membro põe em desequilíbrio a relação familiar. Assim, as regras de lealdade servem ao grupo para poupá-los de situações estressantes e geradoras de conflito. Com isso, pode-se observar que quanto maior a rigidez com que a lealdade se impõe a um indivíduo, mais dano ela causará.

É importante ainda perceber, segundo Boszormenyi- Nagy (1983), que a natureza dos balanços de obrigações é intrinsecamente dialética, porquanto o fato de dar mais pode ser o caminho para receber mais. Na família o compromisso de lealdade está ligado à necessidade de manter o grupo como tal, garantindo, assim, a homeostase do sistema.

Citando este autor,

“uma criança pode desistir da escola porque aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Isso se produz, em resposta a depressão da mãe e da falta de disponibilidade emocional do pai, que de maneira inconsciente, ratifica a necessidade que tem a esposa, que seu filho a cuide.” (pag. 189)

1.2.5. Padrões de Repetição

Segundo Cerveny (1997), “seria possível afirmar categoricamente que toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que cuidam para não o fazer”. (pag.33) Ela afirma que, não só os pais, mas todo o sistema familiar, estando aí incluídas as gerações passadas, servem como modelo para a transmissão de padrões comportamentais, que vão se repetir, podendo até pular alguma geração, mas sendo encontrados nas subseqüentes.

Os padrões de repetição determinam a formação e/ou rompimento de vínculos afetivos, influenciando sobremaneira no funcionamento e na hierarquia familiar.

Este procedimento pode também ser observado com relação à aprendizagem, pois o grupo familiar passa seu modelo e as gerações mais novas podem “aprender a aprender”.

Toda criança, em idade escolar, sabe que precisa ter sucesso nos estudos.

Isso é exigido por seus pais, familiares, colegas, professores, pela sociedade como um todo. O sucesso opõe-se ao fracasso, e este implica num juízo de valor, num julgamento que deve corresponder a um ideal.

Esse ideal normalmente é ditado por valores familiares que são transmitidos de geração em geração. Há famílias de engenheiros, em que espera que o filho mais velho também o seja. Há famílias de advogados, de médicos ou de negociantes, onde o destino da criança já está selado, nem bem ela nasceu. Segundo Bowen (1978), as famílias repetem-se a si mesmas e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações subsequentes, mesmo que de forma diferente.

Cerveny (1997) afirma que percebeu em seu trabalho prático “que as gerações anteriores oferecem modelos de padrões subsequentes, não só ao nível da fusão/diferenciação e triangulação, mas também por meio da comunicação, dos mitos, das regras, da hierarquia, das seqüências, da afetividade”. (pag. 50)

Com relação ao conhecimento, podemos observar estes fatores presentes quando se trata de repetir a relação com o saber, imposta pelos membros das gerações anteriores, determinando escolhas, impondo decisões sobre a carreira e mesmo levando o sujeito a seguir caminhos profissionais, que às vezes nada tem a ver com suas possibilidades ou desejos.

1.2.6. Padrão de Aprendizagem Familiar

Alícia Fernandez (1990), observou que cada família tem uma modalidade de aprendizagem , que seria a maneira pela qual cada grupo familiar se aproxima (ou se afasta) do saber. Esta modalidade seria passada de pai para filho, determinando assim, como as gerações mais novas vão se relacionar com o conhecimento. A modalidade de aprendizagem faz parte da história pessoal de cada sujeito, mas é na família, que ela vai se constituir, obedecendo à dinâmica imposta pelo grupo. “A modalidade opera como uma matriz que está em permanente reconstrução e sobre a qual vão se incluindo as novas aprendizagens.” (pag.116)

A história, os mitos, as lealdades, os mandatos e os temas da família,

interagindo no ciclo vital desse sistema determinam padrões de funcionamento que vão dar origem à Modalidade de Aprendizagem Familiar. Quanto mais rígidos forem esses padrões, quanto mais cobrarem lealdade, mais chances de se estabelecer uma modalidade sintomática de aprendizagem em algum membro do grupo.

Como Maud Mannoni(1981), muito adequadamente colocou, os pais inconscientemente deixam a seu filho a carga de refazer a sua história, mas refazê-la de tal maneira, que nada deva ser mudado. O paradoxo em que a criança está presa produz logo efeitos violentos, onde raramente há oportunidade de que ela se realize em seu próprio nome.

Penso que, no tocante ao modelo de aprendizagem, podemos considera-la como transmissível através das gerações. Assim como os valores (éticos, morais, culturais), o legado referente ao relacionamento com o saber vem inscrito na história familiar e será sempre um fator determinante para a aprendizagem ou não) dos seus membros. Podemos pensar em processos que nos remetem à formação de modelos e identidade, numa visão psicanalítica, onde as primeiras experiências emocionais vivenciadas nas relações com os pais inclusive as de aprendizagem) serão responsáveis pela formação da identidade do sujeito.

Podemos ainda, numa visão relacional sistêmica, considerar que, é a partir do surgimento da família como protagonista desta história de vida, que o ser humano vai construindo relações com o saber e com o conhecimento, em sincronia com o padrão familiar ao qual pertence.

Ao longo de seu Ciclo Vital, o ser humano traz dentro de si, muitas famílias : a da sua infância, a da sua adolescência, a da sua fase adulta, com filhos e netos, e em todas elas, os padrões de aprendizagem familiar é um de seus legados mais fortes. Ser bem sucedido, do ponto de vista intelectual (poder aprender e fazer uso do conhecimento, como uma apropriação legítima), está intimamente ligado à forma como o funcionamento dessas famílias internas e de suas ligações atuais permitem que o sujeito construa sua relação com a aprendizagem.

1.2.7. Funcionamento Familiar

No sistema familiar, a capacidade de proporcionar um continente seguro para o desenvolvimento intelectual está primariamente ligada à habilidade dos membros da família (em especial os pais) de separarem seus próprios conflitos relativos às realizações, das expectativas e conflitos dos filhos. Esta capacidade, evidentemente, está intrinsecamente enraizada no

grau de satisfação, ou pelo menos de resolução, nas questões

intelectuais/profissionais que afetam os próprios pais.

A reatividade dos pais à realização dos filhos também pode relacionar-se à ordem de nascimento do filho (Toman, 1976), às realizações ou às dificuldades relativas encontradas pelos outros filhos, ou à clareza de seu próprio ajustamento em sua família de origem. Para os meninos, uma exigência maior na área intelectual, normalmente, advém de uma cobrança, quanto a ser bem sucedido, profissional e financeiramente. Para as meninas, especialmente para aquelas, cujas mães tradicionais não trabalham fora, existem uma ambivalência extrema e expectativas pessoais de serem capazes de conseguir “tudo”, nas áreas profissional, familiar e de relacionamento.

Ao pesquisar e construir junto com a família sua história em relação ao saber, podemos permitir que cada membro re-conte sua história, descrevendo os fatos à sua maneira, e sobretudo a significação destes para a vida do sujeito. Sua relação na estrutura familiar pode nos permitir resgatar um pouco da história do grupo, onde o sintoma passou a fazer sentido nesta família.

Os aspectos da família, que provêem um terreno fértil para o aparecimento da dificuldade de aprendizagem, relacionam-se com o tipo de circulação do conhecimento dentro do sistema familiar, com o significado que dão ao saber/não saber, com o tipo de manejo que utilizam para tratar das perdas e dos segredos e, sobretudo, com a dificuldade que seus membros apresentam em diferenciar-se e separar-se.

Nessas famílias é difícil aceitar que alguém pense de modo diverso; que é possível e até saudável, existirem pontos de vista divergentes sobre uma mesma experiência e ainda, que ser diferente não implica em ser desleal com o grupo.

1.2.8. Manejo dos Segredos

Às vezes, um segredo refere-se, não tanto, ao desconhecido, mas à impossibilidade de citar ou comentar um fato, a partir da impossibilidade de simbolizar esta situação. Segundo Fernandez(1990), “o sujeito, que deve guardar este segredo, pode construir um problema de aprendizagem”. (pag.101)

Em algumas circunstâncias, uma criança pode ter observado algo que era proibido, considerado como melhor não ver; logo a família pode lhe dizer que imaginou e não viu aquilo que viu. Isso se relaciona com o desmentido (mecanismo estudado por Freud como específico das psicoses). Significa uma ruptura do eu: uma parte reconhece e aceita a realidade,

enquanto que outra a desmente. É como se a criança dissesse: “Já que tenho que fazer que não sei o que os outros sabem, e fazem ver que não sabem, estendo esta atitude para todo o conhecimento e não posso aprender; transformo-me num oligotímico.”(idem, pag. 115)

Qualquer segredo pode ter vários significados, dentro de uma família. Os pais podem definir certo segredo como tendo um significado de proteção. Entretanto, para a criança, esse mesmo segredo pode carregar em si um significado de traição, pois distorce e mistifica os processos de comunicação. Assim, algumas crianças podem tornar-se “cega”, “surda”, “muda” , com relação às informações, e conseqüentemente mostrar-se inapta ao aprendizado sistematizado.

“A existência do segredo em si não é a causa da modalidade sintomática da aprendizagem. O sintoma em geral gera-se em uma situação que não permite reconhecer a existência do segredo”. Pois não há segredo de um só. O segredo age tanto na mente de quem comunica, quanto de quem recebe. “Em algumas famílias, ele funciona como elemento estrutural. Trata-se de informações vinculadas com a história do grupo ou aspectos particulares de um dos seus membros, que em geral são ocultados parcialmente.”(Fernandez, 1995) (pag.115)

Outro aspecto relevante diz respeito à dificuldade no estabelecimento da identidade, que fica comprometida quando o segredo impede, por exemplo, que uma criança adotada, venha a saber sua origem, de construir sua história de vida ou mesmo de ver um rosto semelhante ao seu, como resumiu um jovem: “ Algum dia, terei um bebê e então olharei para alguém com quem estou biologicamente relacionado”.

A criança ou jovem, percebe aquilo que lhe é omitido ou escondido pela família, e além da sua dificuldade real, acaba desenvolvendo ansiedades e medos que o torna mais incapacitado. O segredo, amparado pela capa de proteção, confere poder a quem o detém e coloca o paciente na delicada posição de não poder questionar algo que é feito “para seu próprio bem”.

1.2.9. Mitos Familiares

“O mito familiar pode ser definido como uma narrativa construída pela família, que contém leituras da realidade e que expressam convicções compartilhadas pelo grupo. Essa narrativa liga elementos dispersos como crenças, valores, tradições, transformando-se num conto organizado que serve como matriz de conhecimento. A partir desta matriz, cada membro pode construir sua identidade e ter uma leitura, classificação e interpretação de

suas experiências. O mito familiar designa as posições de cada um dentro do grupo e fornece modelos de conduta, conferindo valor à existência. A narrativa – o Mito – sempre abrange a totalidade, nunca a especificidade e refere-se ao significado da existência, aos grandes temas da vida. O Mito é uma linha de vida”. (Casarin, Schabbel e Polity, in Cervený, 1997)

Pode-se bem avaliar o peso que essa missão relacional desempenha em cada grupo, impondo escolhas profissionais, incumbências de ordem cognitiva e mesmo a forma como cada sujeito pode se aproximar ou se afastar do saber. É antes de tudo uma missão que não pode ser questionada.

Os mitos familiares tentam a construção de uma realidade irreal, desejada para a continuação da história familiar. O mito paralisa o tempo e dá sentido ao vazio.

2 - O Desejo e a Demanda

Quando o bebê nasce, ele traz consigo tendências hereditárias, que incluem processos de maturação. Cada bebê possui uma organização em marcha, ligada ao seu impulso biológico para a vida, para o desenvolvimento e crescimento.

Entretanto, esse desenvolvimento depende para sua efetivação, de um ambiente satisfatório de “facilitação”, que deve se adaptar às necessidades constantes dos processos de maturação. A família, em especial a mãe, que reconhece a dependência da criança e adapta-se às suas necessidades, oferece o que Winnicott (1982) chama de “holding” para o bebê progredir no sentido de integração, do acúmulo de experiências, enfim do desenvolvimento.

O ambiente por si só não faz a criança crescer, porém ele é fator primordial, para ao ser “suficientemente bom” (Winnicott, 1982), permitir o processo de maturação.

Cada grupo familiar introduz expectativas e valores sobre como o filho deve ser, como deve se comportar e passa, mesmo sem o saber, os sonhos sobre a vida profissional futura da criança. Desde seu nascimento, começam as profecias (acho que ele será um grande economista, como o avô), os mandatos(somos uma família de advogados;), as comparações (ele deve se esforçar para tirar notas boas como o irmão), as lealdades (meus pais são analfabetos, acho que também não preciso estudar muito) os segredos (sempre achei melhor não lhe falar nada sobre a adoção). Todas estas situações marcam profundamente o desenvolvimento futuro da criança, impondo-lhe tarefas que estão em desarmonia com suas capacidades, aptidões ou mesmo desejos.

Compreender a imensa gama de interações que acontece dentro da família e que

estas são frutos de modelos aprendidos, e passados pelas gerações mais velhas, possibilita-nos verificar quais os mecanismos que ligam esse grupo em particular com o modelo sintomático de aprendizagem, eleito pela família.

Para que uma criança aprenda é necessário que ela tenha o desejo de aprender. E que sobretudo o desejo dos pais a autorizem. Como diz Maud Mannoni, numa belíssima metáfora: “as crianças andam não só porque tem pernas, mas porque seus pais assim o permitem.” (Mannoni, 1981)

Bowby (1993) afirma que, a existência de uma criança com problema representa uma ruptura para os pais. As expectativas construídas em torno do filho normal tornam-se insustentáveis. Vistos como uma projeção dos pais, estes filhos representam a perda de sonhos e esperanças e a obrigatoriedade em lidar com as limitações e fazem com que muitos pais se sintam despreparados para a tarefa que devem assumir. Assim, pode surgir um padrão rígido de comportamento, onde o tempo não pode passar, dando lugar a mecanismos constantes e repetitivos, no intuito de manter o sistema homeostático e impedir que o grupo evolua de um estágio para outro.

Partindo-se do conceito, que a família age como uma unidade, de modo a estabelecer um equilíbrio e assim tentar mante-lo a qualquer custo, podemos observar padrões de comunicação que podem revelar o modo como se instala o sintoma e como, o membro “doente” tem sua função na manutenção desse equilíbrio.

Cabe destacar que, conforme Bion (in Souza, 1995) sustenta, existem fatores internos, como o ódio e a inveja próprios do bebê em relação à realidade e à continência materna, que também podem interferir na capacidade do sujeito de desenvolver um aparelho de pensar pensamentos adequados. Ressaltando assim a participação do indivíduo na constituição de sua capacidade de aprendizagem.

A relação da criança com a família é marcada por uma característica de dependência relacional, isto é definem-se reciprocamente. Esta posição é similar à de Sartre (in Cervený, 1994) que afirma que somos aquilo que fazemos com o que fizeram conosco.

Parafraseando Kusnetzoff(1982) podemos afirmar que o sujeito nasce com as possibilidades de “ser”, mas que só se concretizará quando entrar em contato e interagir com um semelhante. Fica pois claro, que a herança herdada (seja ela biológica ou psíquica), será condição necessária, mas não suficiente para o processo de aquisição do psiquismo, ou seja de um aparelho capaz de produzir pensamentos e pensar sobre eles. E portanto de aprender.

Nas palavras de Groisman (1996),

“se olharmos o indivíduo e sua família no aqui e agora, de uma forma circular, tornar-se-á mais fácil o entendimento de que um paciente referido não é uma vítima de seus pais ou do sistema. Existem lucros e prejuízos de ambos os lados. Não há a menor dúvida que existe (...) um processo de projeção geracional dos pais, no sentido de que os filhos cumpram expectativas não realizadas por eles em relação aos seus respectivos pais. Este processo torna todas as partes (pais, filhos, avós) reféns da mesma cadeia geracional; um vai tentar cumprir o que o outro não cumpriu (e que esperavam que ele cumprisse) e que agora ele espera que o seu descendente cumpra”. (pag. 31) [grifos meus]

Espero desta forma, ter explicitado que considero importante a parte que o indivíduo traz consigo como sua carga pessoal, mas, o que fará com que o ser humano se constitua como tal é a condição dele se relacionar com outro ser humano. Daí meu interesse estar voltado para as relações familiares e o produto que advém desta interação.

Minha proposta neste trabalho foi refletir sobre os diversos aspectos envolvidos na condição da Dificuldade de Aprendizagem e ressaltar que, embora a Dificuldade de Aprendizagem possa ser uma condição ligada a múltiplos fatores internos do sujeito, ela está sobremaneira sustentada pelo meio familiar – escolar – social – no qual o sujeito está inserido e, ainda, que a forma como esses diferentes sistemas, em especial a família, lidam com essa condição, terá um papel decisivo na condução e na evolução do caso.

3. Considerações finais

É importante perceber que existe um processo de luto subjacente, quando do nascimento e/ou desenvolvimento de uma criança disfuncional, seja ela física, emocional ou intelectual; ou ainda a combinação de todos esses aspectos. Processo esse que nem sempre é bem elaborado pela família, agravando o quadro já existente.

A criança vem inscrita no desejo materno, afirma a psicanálise, e os pais que se vêem às voltas com a frustração de ter um filho diferente tendem a estabelecer vínculos patológicos com essa criança.

Algumas vezes, na tentativa de superproteje-la, encobrem sua raiva e frustração, outras, colocam-na num plano de menos valia, determinando para ela, através de mitos, mandatos, lealdades, uma incompetência que está muito longe de corresponder à realidade e com isso, a mantém eternamente infantilizada, sem autorização para desenvolver o potencial que apresenta. Existe ainda aqueles que colocam expectativas inatingíveis, tendo em vista

as dificuldades da criança.

Paul Watzlawick coloca muito bem esse mecanismo, quando descreve “as profecias que se auto-cumprem”, que segundo ele “são vaticínios que se convertem em realidade, somente por terem sido profetizados, e dessa forma confirmam sua própria exatidão.” (Watzlawick, 1994) . Assim agem alguns pais, para garantir que seu filho jamais irá crescer e se desenvolver, reassegurando a inflexibilidade do sistema e a paralisação do Ciclo Vital familiar.

Na minha experiência, o que mais percebo são aqueles pais, que não consideram a relação vincular como decisiva para o processo de cura, tentando colocar sempre no “outro” a causa do problema e não se permitindo enxergar a possibilidade de progresso da Família, enquanto Sistema. Como diz Sara Pain, “o absolutismo parental transforma o transitório em definitivo, pois raramente a expectativa de cura está colocada na modificação do vínculo”.

O que se constata é que não é suficiente ter capacidade intelectual para bem aprender. É necessário também que se acompanhe uma estrutura de personalidade razoavelmente madura do ponto de vista emocional, construída sob a égide de uma relação familiar saudável.

Observou-se, em muitos casos, a estreita relação entre Dificuldade de Aprendizagem e o funcionamento do Sistema Familiar, que foi decisivo para o seu aparecimento e/ou manutenção.

O estudo da família, e sua importância na estruturação do sintoma em seus membros, tem sido destacado pela intrincada série de relações intersubjetivas, que estruturam uma rede de fantasias e de significados, que só podem ser corretamente avaliados se forem incluídos em uma visão sistêmica familiar.

Pensando sobre Dificuldade de Aprendizagem e sua relação com o funcionamento familiar, observa-se que muitas vezes, a compreensão dessas relações não torna as crianças mais inteligentes, mas permite que elas utilizem melhor seu potencial !

Nota: Esse trabalho é um resumo de minha dissertação de mestrado que envolveu a pesquisa e o acompanhamento de cinco alunos/pacientes e suas respectivas famílias, durante o período de dois anos.

BIBLIOGRAFIA

BOSZORMENYI & SPARKS, Ivan e Geraldine, Lealtades Invisibles, Buenos Aires, Amorrortur Editores, 1983

BOWBY, John, trilogia: Apego, Perda e Separação, São Paulo, Editora Martins

Fontes, 1993

CARTER & McGOLDRIK, Betty, Mônica, As mudanças no ciclo de vida Familiar,

Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1989

CARDIÉ, Os atrasados não existem, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1997

EVAN IMBER-BLACK, e col, Os Segredos na Família e na Terapia Familiar, Porto

Alegre, Artes Médicas, 1994

FERNANDEZ, Alícia, A Inteligência Aprisionada, Porto Alegre, Ed. Artes

Médicas, 1994

PAIN, Sara, A função da Inteligência, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1989

POLITY, Elizabeth, Ensinando a Ensinar, Ed. Lemos, São Paulo, 1997

_____, Psicopedagogia: um enfoque sistêmico, Ed. Empório do Livro, São

Paulo, 1998

RIVIÈRE, Pichon, Teoria do Vínculo, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1980

SILVER, Larry, Dificuldades de Aprendizagem, ADHD, EEUU, Ciba-Geigy

Corporation, 1994

SOUZA, Aud.rey, Pensando a Inibição Intelectual, São Paulo, Ed. Casa do

Psicólogo, 1995

TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, Yves, Marta e Heloisa, Piaget, Wallon, Vigotsky,

São Paulo, Ed. Summus, 1992

WATZLAWICK, Paul, org., A Realidade Inventada, Psy Editorial, São Paulo,

1994

WHITAKER & BUMBERRY, Carl, Dançando com a Família, Ed. Artes Médicas, Porto

Alegre, 1990

Elizabeth Polity - Psicopedagoga, terapeuta familiar, Mestre em educação,

doutoranda em

psicologia. Diretora do Colégio Winnicott. Diretora da ABPp e da APTF

(Fonte: Site do pedagogia on.line)